

tras partes das demais obras. É a expressão de um estado de coisas aceitáveis pelos senhores, apesar da recalitrância subconsciente por parte dos servos.

Sete anos se passaram sobre a publicação do último romance de Graciliano Ramos e só então êle se filiou ao Partido Comunista: no mesmo ano em que começava a publicar suas memórias. Parece que lhe aconteceu, como a Paulo Honório, a necessidade de rememorar e pôr em escrito todo o acêrvo de acontecimentos e idéias que carregava dentro de si. Dos quatro romances, três indicam a necessidade da confissão posta no papel. Romancista e personagens parece coincidirem na necessidade de se reorganizarem para compreender a vida e dar-lhe um sentido, embora tardio. Escritor que estreou em idade madura; comunista que se filiou no fim da vida. Memorialista que deixou auto-biografia incompleta por ter começado a escrevê-la demasiado tarde; romancista que chegou ao romance pelo processo de ampliação de contos — que sentido tem essa série de protelações?

Desconfiança de tudo, talvez; ceticismo como barreira máxima para sua integração na sociedade, inclusive na ação partidária. “Sei lá se isso tem valor!” foi o seu eterno resmungo diante da vida.

## CONVERGÊNCIAS DA PLANIFICAÇÃO ESTATAL E DA LIVRE EMPRÊSA

VAMIREH CHACON

Muito se tem falado, nos últimos tempos, no Mundo inteiro, em superação dos “ismos”. Quase sempre, porém, a questão é posta em termos emocionais: cada qual tenta negar o “ismo” alheio em nome do seu próprio, ou alegando um nôvo, do qual é evidentemente corifeu.

Vem até se tornando moda aplicar a palavra “ideologia”, e seus derivados, como pejorativos. A idéia, aliás, não é nova. Napoleão I costumava referir-se com desprezo aos “ideólogos” do seu tempo, isto é, a Destutt de Tracy, que cunhou a palavra, e aos seus companheiros.

E no caso da superação do “Capitalismo” e do Socialismo”, não falta quem celebre de véspera as exéquias, com os futuros finados ainda vivos e bolindo. Entretanto surgem no horizonte sinais prenunciadores da sua superação, que não se efetuará hoje, nem talvez amanhã, porém com certeza depois-de-amanhã. Até lá, não passará de uma profecia galiléica, e não um mero “wishful thinking”.

Nisto, também não haverá muita novidade, porque o próprio Marx disse que atravessámos ainda a Pré-História da Humanidade, anterior à suspirada sociedade sem classes, quando só então começaria a autêntica História, com o desenvolvimento pleno da capacidade humana, liberta das alienações.

Foi Djacir Menezes, quem se lembrou de mostrar aos brasileiros, em livro recente, a origem cem por cento em Marx da “novidade” da superação gerencial e tecnocrática dentro do próprio Capitalismo, embora sem liquidar a sua essência. Com efeito, lá está no III volume d’*O Capital*, tão elogiado e atacado e apesar disto, tão pouco lido: “A propriedade do capital é totalmente separada da função no processo capitalista de reprodução, como essa função na pessoa do diretor capitalista”. “As

sociedades por ações — expandidas pelo crédito — têm a tendência de separar cada vez mais o trabalho da administração como função distinta da propriedade do capital, próprio ou não...”

E, em 1911, Schumpeter distinguia as tarefas específicas do empresário e as do detentor do capital, em obra famosa, também muito citada e menos lida ainda...

A crítica anti-stalinista de Trotsky — n’*A Revolução traída*, retomada depois mais amplamente por Djilas — terminou servindo de instrumento para as generalizações anti-marxistas e anti-socialistas de James Burnham, para desagrado do próprio Trotsky. Antes deles, Rosa Luxemburgo, tinha previsto muita coisa.

Daí em diante não cessou mais a barragem de artilharia tonitroando a conquista do poder econômico e político pelos “managers”, “executives” e “tecnocratas”. Como sempre, acabaram aparecendo os franceses com seu brilho notório, querendo tomar conta do assunto. Georges Friedman e, principalmente, Raymond Aron, não perderam tempo.

Daí também a oportunidade da pergunta de Aaronovitch, repetida por Djacir Menezes: “Que significa aquela “tecnologia puramente neutra?” E conclui: “A maioria de técnicos e diretores das maiores firmas inglesas (por exemplo) constitui o stratum que eliminou, aparentemente, o capitalista sem eliminar as relações fundamentais do processo analisado por Marx”. “Perdeu a direção técnica do processo, não perdeu os resultados como beneficiário — o que é inteiramente outra coisa”.

Noutras palavras: o gerente “tecnocrata” pode ser regidamente pago, mas continua um assalariado... Isto é, a atual “Tecnocracia” surge mais como um meio que um fim em si mesma, a serviço do *Capitalismo* e do *Socialismo*, pelo menos até quando possa construir uma *Cosmovisão* que os substitua, o que não parece muito fácil.

Por isto Djacir Menezes conclui irônicamente: “Mas a paródia de Berle e Means (e doutros néo-capitalistas defensores da superação gerencial e “tecnocrata” do *Capitalismo*) é bem curiosa. Não deixa de ser divertida a coincidência. Sim, leitor malicioso, coincidência burlesca, ironia do acaso, talvez molecagem dos deuses”. (1).

Em 1962 foi analisado o assunto num Colóquio Internacional em Varsóvia, dedicado à Teoria marxista do Desenvolvimento, sob o patrocínio da UNESCO, em colaboração com a Academia Polonesa de Ciência e a Escola Prática de Altos Estudos de Paris, cujos resultados foram publicados na revista *Perspectives Polonaises*, na capital polaca, em agosto-setembro do mesmo ano.

Um dos presentes, o marxista polonês Kowalik, concluía que “A Teoria Econômica tende, no Socialismo, para êste gênero de evolução que podemos igualmente notar nos países capitalistas”. E Kowalik atraveu-se a citar um dos anunciadores disto, nada mais nada menos que o revisionista alemão Hilferding, que afirmava que “a Economia Política evoluiria para transformar-se numa espécie de Ciência se consagrando à riqueza dos povos”. Surgiria então uma “desideologização” dos estudos econômicos, nas etapas mais altas de Desenvolvimento, onde as soluções tendem, cada vez mais, a ser técnicas. O episódio contraria um tanto os que proclamam ser impossível êste tipo de manifestações em países socialistas...

Com efeito, a quantificação mais perfeita só será possível num país onde os dados sejam de tal modo controlados, que se possam utilizá-los com segurança para superar as discussões emocionais. E, mesmo assim, não se pode omitir o qualitativo, o extra-econômico, sempre trazendo à discussão elementos incapazes de apreensão em variáveis matemáticas.

Não será, então, o caso de prever-se uma futura coexistência, ou até colaboração, entre Ideologia e Tecnologia, num plano mais objetivo de logos, além das paixões dos “ismos”? Se isto não fôr, por sua vez, outra forma de *Racionalismo*...

Não nos compete, todavia, resolver os problemas do século XXI, e sim apenas, o que já é muito, encaminhar algumas das premissas aos pósteros. No final das contas, John Maynard Keynes cnicamente lembrou que a longo prazo estamos todos mortos.

E enquanto não vem a Idade de Ouro, sucedem-se as recíprocas invasões e os mútuos estragos.

A propósito, pouca gente sabe que Leontiev, apesar de radicado e consagrado nos Estados Unidos, não só é soviético de

origem, como também o são as suas técnicas de calcular o "input-output".

Afastado da pátria, talvez mais evadido que emigrado, êle rumou para um lugar propício à aplicação dos seus estudos. O resultado irônico é que os soviéticos acabaram por redescobri-lo e a readaptar seus métodos, oriundos de experiências de planos quinquenais moscovitas, transportados para os Estados Unidos... Foi Nemchinov o patrocinador desta reabilitação, durante e após a II Guerra Mundial. Oskar Lange contribuiu outro tanto, depois.

O paradoxo chega ao ponto de alguns países capitalistas terem desenvolvido melhor e antes a programação linear, que os seus competidores socialistas. (2).

O pudor soviético chegou ao ponto de contabilizar juros e lucros doutras maneiras, conciliatórias com seus princípios filosóficos, evitando técnicas mais simples, como a "input-output analysis", sob complicados pretextos ideológicos, até o momento em que descobriu que os outros estavam levando vantagem prática e aí os ortodoxos acabaram fazendo mais uma concessão.

Idênticos pruridos puristas assumem os apóstolos da chamada livre empresa, diante de intervenções estatais inevitáveis.

Estas concessões aproximativas práticas são paralelas, e mesmo interinfluentes, com outras aproximações teóricas, embora, evidentemente, as doutrinárias sejam mais lentas e difíceis: nada pior do que privar um homem de sua própria música.

Precisamos não esquecer o parentesco intelectual nas origens, entre Liberalismo e Socialismo, ambos limítrofes do Utilitarismo, numa vizinhança tão íntima que as influências transbordam e alagam-se. No final das contas, há uma base naturalista, tanto no otimismo liberal, quanto no Socialismo, no referentes às possibilidades humanas.

Já mostramos isto em ensaios anteriores e não será demasiado lembrar Lewis Mumford, quando escrevia: "Os filósofos do industrialismo, de Bacon e Bentham, de Smith e Marx, insistiram em que a melhoria da condição do homem constituía a mais alta exigência imposta pela Moral. Mas em que consistia essa melhoria? A resposta parecia-lhes tão óbvia que nem se deram ao incômodo de justificá-la: a expansão e a satisfação das necessidades materiais do homem e a extensão

dêsses benefícios, dos poucos que antes lhe tinham gozado o privilégio aos muitos que durante tanto tempo tinham vivido dos restos e migalhas que Dives, o homem rico, havia lançado à sarjeta. O grande dogma dessa religião é o dogma das necessidades crescentes. Para multiplicar as forças de produção é preciso igualmente multiplicar a capacidade de consumo". (3).

Portanto, a discordância entre Marx e Bentham, quanto ao Utilitarismo, gira em torno da extensão dos benefícios do conforto ao maior número possível. Marx acha que o subjetivismo benthamiano é egoísta na sua incapacidade de tornar o conjunto da sociedade satisfeita através de um sistema de livre empresa que, no final das contas, acabaria por satisfazer apenas um pequeno grupo. Propõe, então, caminhos objetivos, que julga científicos, para estender à maioria ou mesmo à totalidade as vantagens da industrialização.

Daí Stalin ter escrito: "A essência da lei econômica fundamental do Capitalismo contemporâneo consiste em assegurar o lucro máximo por meio da exploração do homem pelo homem. Ao contrário, a essência da lei econômica fundamental do Socialismo em assegurar ao máximo a satisfação das necessidades crescentes de toda a sociedade, desenvolvimento e aperfeiçoamento sempre a produção socialista na base de uma técnica superior".

Os depoimentos avolumam-se, no testemunho do parentesco. É também Keynes quem afirma, ainda mais claramente: "O Socialismo de Estado do século XIX brota de Bentham, livre competição, etc., e é uma versão, em alguns aspectos mais clara, noutros mais misturada, da mesma filosofia subjacente no Individualismo do século XIX. Ambos enfatizam igualmente a Liberdade, um de modo negativo para evitar limitações na Liberdade existente, outro de modo positivo para destruir monopólios naturais ou adquiridos. São diferentes reações à mesma atmosfera intelectual". (4).

Estabelecidos êstes pontos em comum nas origens, não seria tão difícil a convergência na prática...

Contudo, não superestimemos os pontos em comum.

Havia, e há, divergências doutrinárias que obstaculam a aproximação.

Por exemplo: o maior otimismo naturalista ricardiano,

transmitido a Marx, no pressuposto de predominar a abundância e não escassês de recursos, ao contrário do que pretendia Malthus. Quando, na realidade, são a Ciência e a Técnica que dominam o meio, superando assim os pressupostos tanto de Malthus, quanto de Ricardo.

Muita gente, inclusive pretensos cientistas sociais, ignoram que o Malthus mais importante para a Economia não é o demógrafo, e sim o criador da teoria da demanda efetiva, num sistema monetário. O Malthus amadurecido, dos *Principles of Political Economy*, de 1820, e não mais o polêmico de 1798, das arengas com o pai, devoto admirador de Rousseau e Godwin. Daí o título completo do livro inicial, precedido por ensaios menores: *An Essay on the Principle of Population, as it affects the future improvement of Society with remarks on the speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet, and other writers*.

Devido ao maior otimismo de Ricardo, em *The Principles of Political Economy and Taxation*, surgidos em 1817, onde se esboça um modelo de competição tão perfeito que se ignora por completo a circunstância monetária, seu esquema se prestava muito aos planos de igualdade que o frio realismo monetário e demográfico de Malthus.

Se, por um lado, o sonho igualitário era profético, também podia tornar-se quimérico; daí Keynes concluir: "Se apenas Malthus, em vez de Ricardo, tivesse sido a fonte donde procede a Teoria Econômica do século XIX, como o mundo seria hoje muito mais sábio e mais rico!" (5).

Usando o pressuposto ricardiano da abundância, o lucro não poderia ser aos olhos dos socialistas, senão uma extorsão e nunca um incentivo, um estímulo à superação da escassês natural.

Dizem, porém, os alemães que as idéias são fêmeas e os fatos são machos, a não ser que se pretenda repetir o suposto filósofo, diante de fatos desmentindo suas idéias: "Tanto pior para a realidade".

Na prática, o desperdício e o desajuste crônicos mostraram que o Estado não era tão capaz de sintonizar a função paramétrica dos preços, evitando super-produção e sub-consumo, quanto pretendia. E pior do que que isso: o desperdício e o desa-

juste econômicos iam de braços dados com o crescente despotismo político, impedindo ou retardando demasiado a desalienação prometida messiânicamente pelos marxistas, embora não pelos marxianos. Aquêlo muito mais uma seita, êstes muito mais analistas críticos.

Nas palavras de um dos melhores heterodoxos marxianos: "Não há dúvida que os métodos de economia de guerra, que substituem os estimulantes econômicos pela decisão administrativa e a arregimentação político-moral, podem ser necessários e úteis durante um certo tempo, não podendo contudo converter-se em métodos permanentes de direção da Economia nacional. E por isto nos distanciamos paulatinamente dêstes métodos. As deformações consistiram em que os ditos métodos foram aplicados mais tempo que necessário e, em conseqüência disto, o aparelho centralista-burocrático converteu-se, em certo sentido, numa força política e econômica independente, da mesma maneira que o aparelho de segurança se converteu numa força independente do organismo estatal. E assim a ditadura do proletariado cedia lugar, gradualmente, à ditadura dêste aparelho centralista-administrativo".

Quem escrevia isto não era nem um diletante, nem um irresponsável destrutivo, e sim Oskar Lange, professor da Universidade de Varsóvia e um dos vice-presidentes da República Popular da Polônia, há pouco falecido.

Lange propunha, entre outras medidas, para combater o burocratismo e o policialismo, primeiro "unir a planificação central e a direção da Economia nacional, com a maior descentralização possível na administração" e, segundo "a administração da Economia se baseará na gestão autônoma operária e, em parte, também na cooperativa, que atuam ao compasso da planificação central e da direção do conjunto da Economia". (6).

As sementes da heresia já estavam no espírito de Lange há muito tempo.

Filho de um industrial de Cracóvia, apesar disto jovem militante do Partido Socialista Polonês, embora nunca do Partido Comunista, êle foi também bolsista da Fundação Rockefeller antes de 1939, e professor das Universidades da Califórnia e de Chicago. Já pouco antes da II Guerra Mundial, Oskar Lange escrevera uma resposta a Hayek, Mises e Robbins, que se tor-

nou célebre. Refutou então as acusações que uma Economia socialista não poderia funcionar, pura e simplesmente, por não se levar aí em conta o mercado, e sim preços artificiais ditados pelo Estado, ignorando os custos e a demanda. Lange respondeu que, pelo contrário, seria a Economia socialista muito mais capacitada para ajustar procura e oferta, que uma Economia capitalista, sem o volume de informações e o poder de controle nas fontes, só possíveis através do Estado.

A competição perfeita, sonhada por Walras e Marshall, estaria mais próxima ao Socialismo, que do Capitalismo, onde caberiam melhor as análises oligopolísticas de Joan Robinson e Chamberlin.

Esta posição aparenta ocultar uma defesa da onipotência e onipotência estatais, porém visava algo muito diferente: a defesa, isto sim, da introdução de mecanismos de mercado numa Economia planificada-centralizada. Tanto assim que o mesmo Oskar Lange chegou à audácia de defender também várias teses de Bukharin em fins da II Guerra Mundial, quando se preparava para retornar à Polônia e Stalin se encontrava em pleno fastígio. Conforme se sabe, Nikolai Ivanovitch Bukharin pretendeu ir mais longe que o NEP leninista, na liberação da iniciativa privada e na concessão de incentivos de lucros, quando a União Soviética começava a sua obra de reconstrução através de Groman e doutros economistas, que traduziram em linguagem técnica as propostas políticas bukharinistas. (7).

Depois de 1948 foi se tornando cada vez mais difícil manter a unidade de caminhos no bloco socialista. A Iugoslávia surgiu como a primeira a tentar o seu, logo excomungada por Moscou como "herética", mais adiante reabilitada por Khrushchiov, porém ainda vista com desconfianças pela U.R.S.S. e repelida com horror por Pequim. O policentrismo ocorre nos dois lados do Elba. A Rumânia representa a contrapartida da França gaullista, para não falar da Polônia e da Iugoslávia. Só os ingênuos ou os de má fé alegam que um bloco se fragmenta, enquanto o outro se torna rígido.

O grande cisma iugoslavo ocorreu não só na sua política externa, tão independente a ponto de jogar tirando vantagens entre os dois blocos, como também no plano interno, promovendo uma descentralização nunca observada antes em Economia socialista.

Foi até instaurada competição entre empresas públicas, cada qual passando a disputar mercados, e os incentivos de lucros andaram de par com a democratização na direção das firmas, daí em diante eleita pelos próprios trabalhadores. A comissão central de planejamento ficou apenas reservada a função coordenadora.

A União Soviética precisou esperar até a desestalinização para voltar a algumas teses de Bukharin. A Polônia adiantou-se, inspirada em vários pontos por Lange.

Desde 1956 que um professor da Unidade de Kharkov, até então obscuro, Evsei Liberman, publicava artigos no periódico *Kommunist*, de Moscou, insistindo na rentabilidade como instrumento de aumentar a eficiência e a qualidade.

Os ensaios atraíram a atenção de Nemchinov, respeitado como o decano mais ilustre dos economistas soviéticos. Ele não vacilou em atrair o provinciano à capital e, em 9 de setembro de 1962, Liberman publicava na *Pravda* um artigo que deflagraria a grande polêmica: "Plano, lucro e incentivos".

Economistas russos conservadores, quase dizíamos "reacionários" do tipo dos acadêmicos Plotnikov e Fedorenko, começaram a espernear, denunciando "infiltrações capitalistas" no santuário marxista-leninista.

Outros, mais audazes, quase dizíamos "progressistas" do tipo de Malyshev, Vice-diretor do Instituto Central de Estatística, indagavam sarcásticos: "Esperam, vocês matemáticos, ser capazes de ver, através do principal centro de computadores, todo nosso vasto território, das geladas rochas de Murmansk ao tórrido sol de Kolkhida, no Cáucaso, para descobrir como o povo semeia e colhe, como funciona cada complexo químico, como opera cada máquina? Se algo anda errado em Khabarovsk, podem vocês apertar simplesmente um botão e resolver tudo? Estranha utopia. A sociedade não é uma soma de zeros matemáticos e de algarismos. É um corpo vivo, criador".

Eis uma nova linguagem na boca dos planificadores soviéticos, espantando tanto os conservadores, quanto supostos progressistas, do lado de cá, que teimam em negar as profundidades das transformações na planificação socialista, embora cada qual com objetivos diferentes: uns visando esconder sua importância construtiva, outros procurando ocultar os pontos de convergência. Nenhum deles observando que assim encaminham

o Mundo para as fantasmagorias de Orwell e Aldous Huxley.

Na prática, foram escolhidas inicialmente duas fábricas de tecido, para experiência das idéias de Liberman: a Bolshevichka, em Moscou, e a Mayak, em Gorky. Seus preços, qualidade de produtos e margem de lucros se viram liberados. O resultado surgiu tão satisfatório que o método foi estendido, logo em seguida, a mais 400 fábricas têxteis e 78 dos seus fornecedores. O consumidor passava a ser ouvido em grande escala, de modo inédito na U.R.S.S. Apareceram até alguns economistas mais audazes, como Lazukov, que propuseram a liberação também da publicidade comercial, no rádio, TV, e ruas, para estimular ainda mais a competição entre empresas socialistas. Produtividade supõe competição...

Agora já não estamos diante de um pequeno país, pioneiro mas sem recursos para bradar aos quatro ventos o seu êxito, como a Iugoslávia. Trata-se da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com sua poderosa máquina de propaganda, capaz inclusive de reagir contra os ortodoxos chineses numa proporção nunca sonhada por Belgrado. Os primeiros a recolherem o eco são, evidentemente, os países socialistas. Até comunistas estrangeiros, como Togliatti, começaram a falar em "caminho italiano para o Socialismo" e em "policentrismo".

Um dos últimos números da revista nova-iorquina *Time* deu nova repercussão a êste "relaxed Communism". (8).

Que dirão os "reacionários" dos dois lados do Elba?...

Argumentarão que nada mudou, aproveitando-se do fato que estas mudanças estão apenas no comêço, "in the very beginning", tentando esmagá-las antes que elas derrubem suas carcomidas ortodoxias.

É tremendamente sintomático que hoje os chineses usem contra os soviéticos as mesmas acusações lançadas outrora contra a Social Democracia alemã, pelos radicais daqueles tempo, sobretudo russos... Com efeito, na resposta chinesa ao convite do P.C. da U.R.S.S. ao seu último Congresso, o 23.º, lê-se, entre outras "amabilidades": "Depois da morte de Stalin, os chefes soviéticos, encabeçados por Khruschchiov, embarcaram no velho caminho dos sociais-democratas Bernstein e Kautsky, que trairam Marx e Engels". E não se venha alegar, com dissumulada calhordice, que a repulsa chinesa se li-

mitiva a Khruschchiov; o 23.º Congresso ocorreu em 1966; portanto, os chineses não consideram morta a sombra khruschchioviana, quase dizíamos bukharinista...

O mais curioso de tudo é que esta tentativa de convergência não é nova.

Desde 28 de abril de 1918 que Lenin escrevia, na *Pravda*: "A possibilidade do Socialismo será determinada pelo nosso êxito em combinar o Governo e a organização soviética com as últimas conquistas do Capitalismo. Devemos introduzir na Rússia o estudo e o ensino do nôvo sistema Taylor, bem como a sua experimentação e adaptação sistemáticas".

E Stalin, tão acusado depois, também escrevia: "O Leninismo é uma escola teórica e prática, que forma um tipo particular de militante no Partido, como no aparelho do Estado, que cria um estilo particular no trabalho, o estilo leninista. Quais são as características dêste estilo? Quais são as suas particularidades?"

"Estas características são duas: o 'élan' revolucionário russo e o senso prático americano. O estilo do Leninismo é a aliança destas duas particularidades no trabalho no seio do Partido e no aparelho do Estado.

"O senso prático americano é a força indomável que não conhece nem reconhece barreiras, que arrasta os obstáculos de todos os gêneros e espécie, por sua industriosa tenacidade; que não pode deixar de levar até o fim a tarefa uma vez começada, por mínima que ela seja, força sem a qual não se saberia conceber um sério trabalho de construção.

E Khruschchiov foi ainda mais claro, quanto ao aspecto do "senso prático" estadunidense que mais o impressionava: "Não será um pecado aprendermos com os melhores exemplos dos capitalistas e acelerar a construção e o início do funcionamento de novas empresas". "Devemos elevar a significação do lucro, da rentabilidade. Para melhor cumprir os planos, devem ser dadas às empresas maiores possibilidades de dispor dos lucros, de aproveitá-los com mais amplitude para estimular o bom trabalho do seu pessoal e para ampliar a produção. Revestem-se de grande importância a elaboração e a introdução de formas de estímulo coletivo a fim de interessar mate-

rialmente cada trabalhador não apenas nos resultados do seu trabalho, como nos de todo o trabalho coletivo". (9).

A discussão em torno da produtividade e do lucro gira, em última instância econômica, em torno do problema da eficiência da força de trabalho. Afinal de contas, se a U.R.S.S. quer mesmo superar os níveis da Economia estadunidense, tem antes de eliminar todos os principais desperdícios. Para alcançar-se isto, conforme notou o professor Warren W. Eason, da Universidade de Princeton, em depoimento perante o Congresso de Washington, cumpre alterar as promessas futuras duma sociedade sem classes, com outras mais próximas, de "private and present gain".

Por outras palavras, combinar a coação com a sedução, nas palavras de G. Warren Nutt, da Universidade de Virgínia, em idêntico debate.

Não podemos esquecer a passagem da União Soviética de um estágio agrícola para outro muito complexo, o industrial, onde os indivíduos se tornam mais exigentes e o controle social, portanto, mais sutil.

Por trás do Desenvolvimento soviético levanta-se a pergunta se uma expansão muito rápida assume grande significação como indicadora da elevação da capacidade produtiva. (10).

Após o inevitável esforço quantitativo inicial, surgem as reivindicações qualitativas mais refinadas, inseparáveis de uma maior reivindicação decisória do mercado.

Teria sido impossível resistir ao cerco capitalista, e industrializar o país de modo a torná-lo quase auto-suficiente a ponto de resistir às invasões estrangeiras, sem uma rígida centralização, porém é também impossível reduzir o desperdício ao mínimo e elevar a produtividade, sem facilitar mais a exigência das escolhas de consumidor e sem estimular o trabalhador com participação crescente nos lucros.

Os efeitos de maior desigualdade salarial serão atenuados, e mesmo superados a longo prazo, mediante uma competição que diminuirá as distâncias da curva de Lorenz. Numa sociedade sensível, para usar a terminologia de Sorokin, a luta de classes e a axiologia daí resultante, induzem os indivíduos a procurar simultaneamente o êxito material, que uns obterão em maior proporção, e outros em menor, porém com dis-

tâncias recíprocas menos profundas que numa sociedade ideal, onde apenas alguns sabidos se aproveitam do sobrenaturalismo crédulo da maioria, merecendo o célebre aforismo de Bruno Bauer, repetido por Marx e Lenin, que a Religião é o ópio do povo.

Com efeito, a partir de pressupostos factivos ou sensitivos, o próprio mecanismo científico da Economia imporá a verdade histórica que só há produção em massa, e altos lucros, com um mercado em massa. Nas palavras de Wicksell: "Assim que nos defrontamos seriamente com a totalidade dos fenômenos e tratamos de estabelecer as condições necessárias para promover o bem geral, logo surgirão os problemas que afligem o proletariado, não existindo mais que um passo para que se proclame a igualdade de direitos". (11).

O principal equívoco dos dogmáticos devotos da chamada livre iniciativa consiste em confiar mais no interesse que na previsão. Para eles, o fenômeno de ajuste ocorre espontaneamente, dispensando qualquer racionalização sistemática, por mais eufemista que seja a expressão. Por outro lado, os não menos dogmáticos devotos da planificação só acreditam na previsão, crendo angelicalmente no Homem, enquanto os anteriores o rebaixam demoniacamente, e nenhum dos dois procura vê-lo nas suas fáusticas limitações, superiores e inferiores. Sem dúvida os dois limites são dilatados cada vez mais pelas descobertas da Ciência e pela perplexidade em utilizá-las de modo humanista, porém os limites existem, nas próprias contradições da História.

Gunnar Myrdal mostrou muito bem a falácia maniqueia da oposição entre interesse e previsão, isto é, entre iniciativa não mais tão livre, e planificação, não mais tão centralizada: "A expressão 'economia planificada' contém, é claro, uma tautologia evidente, já que a palavra 'economia', em si mesma, implica numa atribuição de meios disponíveis para se atingir um fim ou um objetivo. Acrescentarmos 'planificada' à mesma, para indicar que tal coordenação de atividades tem um objetivo, que não faz sentido e, pelo menos, podemos afirmar que não é um bom emprêgo de palavras. (...).

"O motivo pelo qual essa expressão tautológica se tornou necessária para exprimir o pensamento reside no significado

da palavra 'economia', como foi empregada na teoria econômica liberal, desde sua criação, há mais de duzentos anos. Naquela teoria, a palavra exprimia a concepção teleológica da realização não-objetiva a um intuito e viu-se, assim, privada de seu significado original e comum, o da atividade de planejamento ou doméstica.

"Tal conceito de uma direção automática da vida econômica em busca de um objetivo inerente, isto é, de um planejamento não-planejado", foi a noção de valor metafísico fundamental existente naquela teoria, porquanto crescera ela dentro da estrutura das filosofias da lei natural e do utilitarismo. Floresceu, com especial vigor, naqueles ramos da especulação econômica que agrupamos sob o termo coletivo de *laissez-faire*. (Para exprimir a atitude política oposta, a de que o processo econômico deve ser intencionalmente dirigido, foi inventada a expressão tautológica 'planejamento econômico').

"Tal idéia de planejamento econômico foi geralmente relacionada a Marx e ao Marxismo. Nisso há um erro de fato. Nem acredito mesmo que a expressão 'planejamento econômico', ou 'economia planificada', *Planwirtschaft*, possam ser encontrados nos trabalhos de Marx.

"Marx não era um planejador, e sim um analista e um previsor. Na primeira qualidade, exerceu imensa influência sobre as atitudes fundamentais no estudo da História e na Sociologia. Na Economia, sua influência mostrou-se especialmente forte nas teorias de flutuação de desenvolvimento dos negócios. Como já indiquei noutras ocasiões, a influência de Marx foi principalmente forte nas Ciências Sociais da América, e mais forte ainda na Sociologia, embora muitas vezes tenha sido inconsciente e raras vezes reconhecida. (12).

Tanto o Marxismo não era especialista em planificação que as técnicas de programação linear e de análises de "input-output" não só foram desenvolvidas fora da U.R.S.S., como até seus estudiosos se viram repelidos pelos ortodoxos daquelas bandas. (Vide nota 2).

Reconheçamos, porém, que embora se possam conciliar interesse e previsão, seus extremos são sem dúvida inconciliáveis: Shylock e Procusto não conseguem ser bons amigos.

Da mesma forma que os ultra-racionalistas, defensores ab-

solutos da previsão planificadora centralizada, angelizam pro-custeanamente o Homem, seus rivais shylockeanos o demonizam nas baixezas do interesse ultra-benthamiano.

Daí o horror destes últimos ao descobrirem as infiltrações intervencionistas estatais, prelúdios da temida planificação. Daí, portanto, a repulsa dos Eugênio Gudin ao genial, embora ainda tímido, John Maynard Keynes, denunciado como propo-nente da "eutanasia" do Capitalismo.

Reconheçamos, contudo, não ser fácil a síntese entre interesses e previsão, por conseguinte entre decisões ao nível de mercado e decisões ao nível da planificação. Nisto se origina, por exemplo, a hostilidade dos marxistas diante da teoria marginal, qualificada como subjetivista, e a resposta histórica dos néo-marginalistas — do tipo de Hayek, Mises, Röpke — que taxa de irreal a objetividade proposta pelos intervencionistas estatais. Mais uma vez, a verdade se encontra em algum ponto intermediário, num equilíbrio dinâmico e, portanto, variável. Nem se pode desprezar a influência subjetiva da utilidade marginal no mercado, nem muito menos a presença objetiva de crises que o interesse não consegue ordenar sozinho, precisando assim recorrer à racionalização planificadora.

O mais pitoresco é que, com frequência, os governos realizam os programas das oposições, e seus adeptos só aceitam porque partiam de dentro do seu grupo. O "esprit de corps" induz a cada um regeitar as propostas dos adversários, apenas porque partem deles, e a encampá-las, negando suas origens, quando parecer conveniente. Assim, por exemplo, a administração republicana de Eisenhower conseguiu o maior déficit em tempo de paz nos Estados Unidos, ao mesmo tempo que o maior índice de inflação naquele país nos últimos anos, tudo isto em nome do equilíbrio orçamentário e monetário... E, por outro lado, socialistas adotam técnicas capitalistas, etc, todos sempre trocando as palavras e ocultando as fontes de inspiração. Após uma fanática Idade Média ideológica na Economia, o Nominalismo começa a substituir o Maniqueísmo...

Enquanto isto, o Mundo inteiro ruma, por caminhos diferentes embora cada vez mais próximos, na direção da Sociedade industrial, urbana, secular e pluralista, do futuro.

A industrialização trará soluções cada vez mais tecnoló-

gicas, embora as ideologias continuem representando o polo passional inevitável na natureza humana, pois, conforme lembra Galbraith, ninguém pode viver até hoje sem uma Teologia econômica. É um dos aspectos da tendência de fazer tudo girar em torno de um livro sagrado. O que não impede de reconhecermos, com Lewis Mumford, que o Mundo ainda está em plena era paleotécnica, muito longe da Neotécnica, onde Natureza e Cultura se harmonizem. A automação apenas começa o seu aparecimento como nova e maior Revolução Industrial, mais profunda e mais decisiva que a anterior.

E a sociedade industrial será necessariamente urbana, compreendido este termo no novo sentido de síntese entre Natureza e Cultura, onde tenham desaparecido os "slums" ricos e pobres, com seus cortiços e arranha-céus amontoados e empestados. Ainda Lewis Mumford demonstra como todas as grandes épocas giraram em torno de determinadas cidades, sínteses e símbolos. O que do campo converge e funde-se nestas urbes, aí se universaliza. Será então realizado o sonho de Marx em eliminar as diferenças essenciais entre cidade e campo, agricultura e indústria. A mais rápida capitalização desta acabará por beneficiar aquela, apesar das contradições iniciais. A agricultura estadunidense, o exemplo máximo, só atingiu sua etapa atual de produtividade através dos ecos, diretos e indiretos, da industrialização. E a população no campo acabou caindo a uns 10% do total.

Como consequência, a sociedade industrial e urbana é muito mais aberta aos contactos externos e assim dessacralizados. Daí a tendência atual de vários países socialistas, por exemplo a Rumânia e antes dela a Iugoslávia, de romper as limitações de "cortinas", tidas até hoje por impenetráveis pelos ingênuos e pelos interessados em manter ou agravar a chamada "guerra fria", em nome de interesses inconfessáveis.

Finalmente, a secularidade produz um clima pluralista, onde os "ismos" são forçados a coexistir, dentro de outro, mais abrangente e mais tolerante.

Esta visão talvez seja um tanto otimista, pelo menos a curto prazo, quando os "ismos" e os "esprits de corps" exibem as garras, e a Tecnocracia que surge no horizonte, defendida por Burnham e Aron, é mais egoísta e irracionalista do que

tudo que se fez antes. Outrora as idéias caminhavam antes dos fatos, hoje eles se precipitam num turbilhão tal, que ninguém consegue mais ordená-los em tempo. Numa confusão que deixaria Hegel perplexo, parece que o Espírito não consegue entender-se mais, em suas realizações objetivas. Portanto, está ainda para nascer o Humanismo científico, que compreenda e oriente o Homem, numa soma do que se fez e do que se está por fazer. O pensamento demiúrgico do Marx, em sua fase jovem, não poderá ser omitido desta nova síntese. Ninguém melhor que ele entendeu mais fãusticamente a libertação pelo progresso econômico.

Ninguém se iluda: não se superará o Marxismo senão quando as suas premissas se esgotarem, que se compõem das contradições que o geraram. A fome, o analfabetismo, as epidemias, o desemprego, o subemprego e o embrutecimento no trabalho desumano, terão de ser eliminados, num processo do qual a inquietação marxista representa o principal catalisador. Além deste apelo material, o Marxismo apresenta outro, intelectual, com suas análises das falhas do sistema capitalista, e com sua pluralência, que vai da crítica fãustica do jovem Marx, às técnicas revolucionárias leninistas e à experiência organizadora dos Partidos por ele inspirados. Da soma de tudo isto, resultam o seu carisma e sua capacidade mobilizadora, sem paralelo na História, até hoje. Daí Sartre o ter chamado a mensagem insuperável do *nosso* tempo.

Aliás, quem falar em superação do Marxismo, neste sentido, estará sendo fidelíssimo aos próprios Marx, Engels e Lenin, que apresentavam sua mensagem não como o fim da História, porém apenas como o seu verdadeiro começo.

Por conseguinte, longe de ser um motivo de alívio que os "ismos" estejam sendo superados, todos devem preocupar-se com a confusão causada pela perda das bússolas tradicionais, antes que elas tenham dado tudo que podiam. Não esqueçamos que, embora mais um meio que um fim, o "ismo" encerra uma capacidade mobilizadora que a pura Razão não conseguiu alcançar. O "social control" pode ser tanto um incentivo ao "social change", organizando-o e canalizando-o, quanto um freio, sob o signo de um "ismo" qualquer. Isto é especialmente verdade nas regiões subdesenvolvidas, onde não se pode renunciar às ideolo-

gias, de modo sumário e precipitado, e a serviço de quem as nega.

Os "angry young men" existem nos dois lados do Elba. Cada devoto, de um dos principais "ismos" do Mundo atual, só se lembra de provocar a desagregação do bloco oposto, e tenta unir o seu próprio, esquecido que o policentrismo tende a implantar-se em toda parte.

Lembro-me muito bem dos meus tempos de estudante no Recife e na Alemanha, quando colegas faziam sambas em honra de Stalin e se requebravam num Festival da Juventude em Berlim, incapazes de prever que, naquêles mesmos instantes de bajulação, crescia em silêncio a geração inconformista de Evtushenko, nos próprios países socialistas, cujas realidades os festivos brasileiros não conseguiam entender.

Lembro-me também das conversas que ouvi, quando estudante em Chicago, a respeito da "despolitização" da juventude norte-americana, assim apresentada como suposto modelo. Mal eu saía da América do Norte, explodia a rebelião negra, com intensa participação dos moços. Surge agora uma nova geração, de "New Left" e "New Radicals", com revistas e antologias. Que dirão agora os bem pensantes, que proclamavam superada a geração de Hemingway, Farrell e Edmund Wilson, cujo Radicalismo "nunca mais voltaria"?

A sabedoria acaciana só consegue explicar o passado, incapaz de prever o futuro, embora se pretenda erudita e aberta.

Tudo isto se encontra também ligado aos problemas ideológicos, na intrincada teia da vida. Daí Thurman Arnold escrever: "Os credos econômicos básicos são de caráter religioso. Atravessamos hoje um período mais análogo à Reforma protestante que qualquer outro, na História". (13).

Toda verdade é um paradoxo ou um lugar comum. Por enquanto estas verdades parecem paradoxais. Daqui a algumas décadas, porém, estarão transformadas em fatos banais. Então, muita gente que não teve coragem ou lucidez para proclamá-las, assumirá posturas superiores de evidência.

Tem sido sempre assim.

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) Djacir Menezes, *Proudhon Aegel e a Dialética*, Zahar Editôres, Rio de Janeiro, 1966, págs. 157 e 158.

- 2) Oskar Lange, *Économie Politique. Problèmes généraux*, I vol., Presses Universitaires de France e PWN Éditions Scientifiques de Pologne, Paris-Varsóvia, 1962, págs. 211 e 212. Há tradução brasileira.
- 3) Lewis Mumford, *A condição de Homem. Uma análise dos propósitos e fins do Desenvolvimento econômico*, Editôra Globo, Pôrto Alegre, 1955, pág. 343.
- 4) J. V. Stalin, *Problemas econômicos do Socialismo da U.R.S.S.*, também cit. por Anastas I. Mikoyan, em *Problemas*, maio-junho, 1953, n.º 46, pág. 44. John Maynard Keynes, "A short view on Russia" in *Essays in persuasion*, Harcourt, Brace & Co., New York, 1932, pág. 307.
- 5) J. M. Keynes, *Essays and sketches in biography*, Meridian Books, New, 1956, pág. 36.
- 6) O. Lange, *Algunas cuestiones relativas al camino polaco hacia el Socialismo*, Ediciones Polónia, Varsóvia, 1957, págs. 13, 14, 19 e 20.
- 7) Oskar Lange e Fred M. Taylor, *On the Economic Theory of Socialism*, The University of Minnesota Press, pág. 108 e passim. O. Lange, "Marxian Economics in the Soviet Union", in *The American Economic Review*, Março, 1945, vol. XXXV, n.º 1, págs. 127-133.
- 8) N.º de 18 de março de 1966. Saiu, em 12 de fevereiro do ano anterior, uma longa reportagem sobre Liberman, como "cover story". O artigo de Plotnikov apareceu no número 11 da revista econômica moscovita *Voprosy Ekonomiky*, em 1962, toda dedicada a discutir Liberman, com artigos de Kazitsky, Kapustin, Alter e Kapitonov. Outro ataque lhe foi desfechado por Bor, no n.º 46, da *Ekonomitscheskaia Gaseta*, em 1962. Ainda hoje prossegue a discussão. Em tréplica recente, desta vez aos críticos ocidentais, Liberman lembrou que as mudanças por êle propostas eram mais quantitativas que qualitativas; e recordou que nas sociedades socialistas se continuaria a viver apenas do próprio trabalho e não da exploração do esforço, através do capital.
- 9) J. V. Stalin, *Les Questions du Léninisme*, I vol., Éditions Sociales, Paris, 1948, págs. 85 e 86. N. S. Khrushchtchiov, "Informe sobre a atividade do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética ao XXII Congresso do P.C.U.S.", em *Rumo ao Comunismo*, Editorial Vitória, Rio de Janeiro, 1962, págs. 190 e 192. Também citamos êstes testemunhos no n.º 3 do *Estudos Universitários*, janeiro-março, 1963, no artigo "Capitalismo, Socialismo e Cristianismo: uma perspectiva heterodoxa".
- 10) Warren W. Eason, "Comparison of the United States and Soviet economies: the labor force" e G. Warren Nutter, "The structure and growth of Soviet industry: a comparison with the United States", in *Comparisons of the United States and Soviet economies. Papers submitted by panelists appearing before the Subcommittee on Economic Statistics*, Joint Economic Committee Confore the Subcommittee on Economic Statistics, Joint Economic Committee Confore the United States Government Printing Office, Washington, 1960, págs. 91-93 e 118-120. O n.º 4 da *Revista Brasileira de Economia* (ano 18, dezembro de 1964), foi todo dedicado à Economia soviética, com artigos como "Os métodos de planejamento na U.R.S.S." por Annibal Villela, "Evolução econômica da União Soviética" por Lúcia Silva Kingston e "A agricultura soviética" por J. R. Becker.

- 11) Knut Wicksell, trad. castelhana das *Lecciones de Economía Política*, M. Aguiar Editor, Madrid, 1947, pág. 6.
- 12) G. Myrdal, *O Estado do Futuro*, trad. de *Beyond the Welfare State*, Zahar, Rio de Janeiro, 1962, págs. 23 e 24.
- 13) Thurman Arnold, *The Folklore of Capitalism*, Yale University Press, New Haven and London, 1962, 1a. edição em 1937, pág. XXIII. Donde, "...the practical nature of the problems is invading the sanctuary and is troubling the priests". E "The greatest destroyer of ideals is he who believes in them so strongly that he cannot fit them to practical needs", (p. 393 e passim). (sic).

## ECONOMIA EDUCACIONAL: INTRODUÇÃO EPISTEMOLÓGICA (\*)

CARLOS FREDERICO MACIEL

Nota Prévia: Inserção da economia educacional em uma esfera mais ampla

A economia educacional haverá de ser uma especialidade. Mas antes de sê-lo ela pode ser considerada também como uma atitude, uma "atenção" ou "visée", quase digamos uma ideologia da valorização econômica das coisas extra ou supra-econômicas. Em uma época de sensibilidade econômica é preciso fazer ver o valor econômico e desenvolver uma percepção do aspecto econômico dessas coisas que ao economista podem parecer de somenos ou apenas um sub-produto de econômico. E mesmo deixando o economicismo de lado convém, dentro de um processo de tomada de consciência do econômico, pôr em luz como e por que essas coisas não são totalmente extra-econômicas.

Como argumento suportativo das reivindicações do social, da justiça social, dos programas de saúde, etc. é preciso mostrar o social como fator multiplicador, estabilizador e equilibrador. Não nos limitaremos aqui simplesmente a lembrar que, por exemplo, a inversão em saúde aumenta a produtividade e também o volume anos-produtivos disponíveis na população. Pois já se vem aceitando alargar a perspectiva que se introduziu de falar em investimentos em educação para falar em investimentos em homem ou em capital humano, sugerindo incluir gastos com saúde e assistência social dentro de uma economia dos recursos humanos de qual a economia educacional é uma parte. Não nos limitaremos a isso, mas queremos olhar para horizontes mais amplos embora saindo do científico, do positivamente estabelecível,

(\*) Capítulo de um curso inédito e inacabado, datado de 1963. Levemente revisto.